

**“DA LITERATURA PARA A PSIQUÊ”:
A OBRA “O MÁGICO DE OZ” SOB A ÓTICA DA TEORIA DE CARL
ROGERS**

"From the literature to the psyche": the work "The magic of Oz" under the optics of the Carl Rogers theory

RESUMO: O presente artigo tem por objetivo realizar uma travessia da literatura para psiquê, tendo como objeto de estudo a história O Mágico de Oz (1900) (cânone da literatura infantil norte-americana, do escritor L. Frank Baum), analisada sob o viés da teoria do psicólogo Carl Rogers, fundador da Abordagem Centrada na Pessoa (ACP). Podemos acompanhar na obra de Baum, três importantes personagens que passam por um reconhecimento e uma mutação de si mesmos, a partir de suas trajetórias e experiências, consequentemente revelando uma personalidade que eles mesmos já possuíam, mas que estava soterrada pela imagem/discurso que eles e os outros lhes projetavam. Portanto, este trabalho explana a análise da obra sob o viés da ACP, a partir do percurso dos protagonistas da história, desde quando são apresentados ao leitor, até o desfecho da trama, construindo assim, uma ponte intertextual entre O Mágico de Oz e a abordagem de Rogers.

Palavras-chave: O Mágico de Oz. Carl Rogers. Literatura. Self/Autoconceito.

ABSTRACT: The present article intends to cross the literature for psyche, having as object of study the history The Wizard of Oz (1900) (canon of the American children's literature, of the writer L. Frank Baum), analyzed under the bias of the theory psychologist Carl Rogers, founder of the People-Centered Approach (ACP). We can follow in Baum's work three important characters who go through a recognition and a mutation of themselves, from their trajectories and experiences, consequently revealing a personality that they already had, but that was buried by the image / speech that they and the others projected them. Therefore, this work explores the analysis of the work under the Rogers bias, starting from the course of the protagonists of history, from when they are presented to the reader, until the outcome of the plot, thus building an intertextual bridge between The Wizard of Oz and the approach by Rogers.

Keywords: The Wizard of Oz; Carl Rogers; Literature; Self / Self-concept.

SOBRE O AUTOR

JEAN PABLO GUIMARÃES ROSSI

Mestrando do Programa de Pós-graduação Interdisciplinar Sociedade e Desenvolvimento (PPGSeD), pela UNESPAR/Campus de Campo Mourão. psijeanpablo@gmail.com

INTRODUÇÃO

A história O Mágico de Oz (The wonderful wizard of Oz), é considerada a maior obra literária do escritor e jornalista L. Frank Baum (1856-1919) e cânone da literatura infantil norte-americana. Apresentou sua primeira edição publicada em parceria com o ilustrador W.W. Denslow (1856-1915) pela editora George M. Hill em Chicago, no ano de 1900. A história atravessou grandes dificuldades de aceitação pelo mercado editorial, uma vez que um olhar mais atento pode notar que não se trata de apenas mais uma história para crianças, mas também um debate crítico sobre os movimentos políticos e econômicos (GARDNER, 2013).

A história relata a jornada de Dorothy e seus companheiros: Espantalho, Lenhador de Lata e Leão Covarde, em busca do grande Oz, a fim de conquistarem elementos que acreditavam não possuírem e que, quando conquistados, acreditavam que poderiam enfim, serem felizes. É neste sentido que a ACP surge como uma possível norteadora de análise, haja visto que Carl Rogers, por sua vez, expõe em sua teoria, uma visão de homem tendencialmente motivado à atualização e possuidor de um autoconceito, que pode ou não estar em acordo com aquilo que ele propriamente é. Para o autor, “[...] a tendência à atualização trabalha para sustentar o organismo, cuidando do seu sustento e sobrevivência” (SCHULTZ & SCHULTZ, 2013, p. 286).

Desta forma, este artigo se propõe a realizar uma análise do trajeto dos personagens “Espantalho, Lenhador de Lata e Leão Covarde”, presentes na obra de Baum, a partir dos conceitos presentes na teoria da Abordagem Centrada na Pessoa. Estruturalmente, o trabalho se encontra dividido em três partes, sendo que a primeira seção irá tratar da história O Mágico de Oz, apresentando o contexto da história ao leitor. Na segunda seção será explorado conceito de self/autoconceito, bem como os conceitos de “self real” e “ideal”, “congruente” e “incongruente” na concepção da ACP. Tais conceitos são relevantes para que, por fim, possamos na terceira seção realizar a análise mais especificadamente dos personagens da história, sob a ótica da abordagem de Carl Rogers (1902-1987), fundador da ACP, que tem sua noção primordial de homem como sujeito “atualizante”, em constante mutação e reformulação do seu potencial, a fim de se tornar desenvolvido e amadurecido.

1. A HISTÓRIA “O MÁGICO DE OZ” DE L. FRANK BAUM

A história do livro *O mágico de Oz*, sabemos que é conhecida e repassada de geração a geração há algumas décadas. A menina Dorothy Gale vivia em uma fazenda no interior do Kansas, com seu tio Henry, sua tia Em e o cãozinho Totó, numa simples casa de madeira, em um ambiente onde a paisagem é descrita pelo autor como “cinzenta e sem vida” e os tios da garota como pessoas de faces magras, secas e expressões faciais sempre solenes e severas. Até que em um dia monótono como todos os outros anteriores, se ouviram gemidos prolongados de ventos, capins ao longe formando grandes ondas e o tio Henry observara que um ciclone estava se aproximando da casa, assim gritou para que todos se escondessem no alçapão construído abaixo da casa (BAUM, 2013).

Dorothy e seu cãozinho Totó não conseguiram entrar no alçapão antes que o ciclone os tivesse atingido, e, desta forma, foram levados pelo ciclone à até então desconhecida terra de Oz, um lugar muito diferente do que Dorothy vivia, pois este era cheio de plantas, árvores e luz (BAUM, 2013).

Não há doença nem enfermidade em Oz. Ninguém envelhece e mortes ocorrem apenas raramente. Praticamente não existe força policial, porque todos os ozistas são felizes, altruístas e respeitadores da lei. Trabalham metade do tempo, brincam a outra metade. Não há dinheiro, nem ricos, nem pobres. Cada pessoa [...] ganha gratuitamente dos vizinhos tudo que é necessário para seu uso, que é aquilo que, racionalmente, qualquer pessoa pode desejar (GARDNER, 2013, p. 29).

A partir daqui se inicia a grande jornada de Dorothy para chegar a Cidade das Esmeraldas, encontrar o Grande Mágico de Oz, descrito como o único que poderia ajudá-la a retornar a fazenda dos tios no Kansas. A Bruxa Boa do Norte é quem encontra Dorothy inicialmente e a orienta como chegar até a Cidade das Esmeraldas, dizendo: “Caminhando. É uma longa viagem, atravessando às vezes regiões agradáveis e às vezes regiões horríveis e escuras. [...] A estrada para a Cidade das Esmeraldas é toda calçada de tijolos amarelos – disse a Bruxa – Você não tem como se perder” (BAUM, 2013, p. 82).

Durante sua caminhada pela estrada de tijolos amarelos, Dorothy encontra três personagens importantes para o desenvolvimento da história e que partem

junto a ela rumo ao encontro do Grande Mágico de Oz, são eles: o Espantalho que deseja um cérebro, o Lenhador de Lata que pede por um coração e o Leão Covarde que deseja ser corajoso. Todavia, o que não percebem, os três possuem aquilo que procuram, algo que se torna ainda mais claro com as situações pelas quais vivenciam no decorrer da história e tornam possível, a partir de uma concepção rogeriana, a análise do self/autoconceito de cada um destes personagens (BAUM, 2013).

2. O SELF OU AUTOCONCEITO PARA CARL ROGERS

O conceito de “self” que também pode ser denominado como “autoconceito”, está relacionado a visão particular e uma percepção consciente que o indivíduo tem de si mesmo e da realidade. O indivíduo verbaliza e descreve a forma como se percebe, como: “Sou ansioso!”, “Eu me acho feio!”, “Sou simpático!”. Esta visão particular de si próprio se constrói nas experiências vivenciadas em cada período específico da vida do sujeito, bem como o significado que é interiormente atribuído a estas. Portanto, o self tem e possui significados com os quais a pessoa identifica-se e a partir dos quais percebe a realidade, porém nem sempre correspondente à realidade objetiva (ROGERS, 1997). Segundo Rogers e Kinget (1977, p. 44):

Como exemplo dessas percepções citemos: as características, atributos, qualidades e defeitos, capacidades e limites, valores e relações que o indivíduo reconhece como descritivos de si mesmo e que percebe constituindo sua identidade. Esta estrutura perceptual faz parte, evidentemente – e parte central – da estrutura perceptual total que engloba todas as experiências do indivíduo em cada momento de sua existência.

Uma consideração positiva sobre nós mesmos, ou seja, um olhar de aceitação e receptividade sobre o que somos, nos permite compreender e aceitar nossas próprias complexidades, contradições e ambivalências como elementos próprios parte de nossa condição humana, conseqüentemente iremos aprender a diferenciar “o que é” daquilo que criamos em nossa mente, ou seja, haverá uma clarificação da percepção sobre o próprio self (SANTOS; ROGERS; BOWEN, 2004).

Para Rogers (1997), ser o que realmente se é significa uma tendência do sujeito para viver em uma relação aberta, amigável e estreita com sua própria experiência. A partir desta clareza, o indivíduo dirigir-se-á agir com espontaneidade e propriedade nas diversas situações do meio. Bowen (2004, p. 80) pontua que, “essa harmonia entre o que está acontecendo na intimidade e o que transparece por fora é o que compreendo por congruência”. Segundo Schultz e Schultz (2013), pessoas psicologicamente saudáveis podem perceber a si mesmas, outras pessoas e eventos do mundo como realmente são, estão abertas para novas experiências, utilizam de toda sua experiência e se realizam de acordo com seu self, caminhando em direção ao que Rogers denominou de “vida plena”.

Uma pessoa em pleno funcionamento, apresentam as seguintes características:

Consciência de toda experiência, aberta a sentimentos tanto positivos como negativos. Vigor de apreciação a todas as experiências. Confiança em seu próprio comportamento e sentimentos. Liberdade de escolha, sem inibições. Criatividade e espontaneidade. Necessidade constante de desenvolvimento, de busca de maximização do próprio potencial (SCHULTZ & SCHULTZ, 2013, p. 290).

No entanto, quando há um desencontro entre o que é expressado e o que é sentido pelo self, denominamos por incongruência, ou seja, “no primeiro caso, age-se com espontaneidade e harmonia; no último, se super-reage e aparece a desarmonia e a incongruência” (BOWEN, 2004, p. 81). Ao suprir uma percepção distorcida das experiências, o sujeito se arrisca a tornar-se alienado de seu verdadeiro self e incongruente, que, de acordo com Schultz e Schultz (2013, p. 290), é a “discrepância entre a autoimagem de uma pessoa e os aspectos de sua experiência.”

Portanto, segundo Freire (2006), o indivíduo inclui em seu autoconceito percepções que distorcem e não significam por exato a sua experiência, os aspectos da sua experiência são desconsiderados do seu autoconceito. Decorrente disto, o sujeito não consegue viver como uma pessoa integrada, uma vez que seu comportamento está regulado algumas vezes pelo seu autoconceito e outras vezes pelas experiências orgânicas despercebidas por seu

autoconceito. A incongruência se apresenta então, como um estado de conflito e tensão.

Rogers (1961 *apud* SCHULTZ & SCHULTZ, 2013), acreditava em uma motivação inata de realizar, manter e aprimorar o self, a partir de uma tendência atualizante que abarca tanto necessidades fisiológicas, quanto psicológicas. O progresso em direção ao desenvolvimento não é automático, nem passivo, mas envolve luta e dor que, uma vez bem experienciados, pode ser promotor de atualização.

3. A HISTÓRIA O MÁGICO DE OZ SOB A ÓTICA DA ABORDAGEM CENTRADA NA PESSOA

A partir da construção dos personagens de Baum, podemos perceber a visão do autoconceito que cada um dos três personagens atribui sobre si. A começar pelo Espantalho, uma criatura com a cabeça costurada com um saco pequeno estofado de palha e o resto do corpo feito com um conjunto de roupas azuis, gastas e desbotadas, também preenchidas com palha. Quando este se apresenta a Dorothy, ele diz: “_ A verdade é que não; não sei de nada. É que eu sou recheado de palha, e por isto não tenho cérebro – respondeu ele, em tom triste” (BAUM, 2013, p. 89). Logo em seguida prossegue: “[...] Não quero que as pessoas digam que eu sou burro, e se a minha cabeça continuar recheada de palha em vez de miolos, como a sua, como é que eu vou conseguir aprender alguma coisa?” (BAUM, 2013, p. 90).

O autoconceito do Espantalho sobre si é de inteligência falha, baixa autoestima por não ter um cérebro como as outras criaturas, incapaz de aprender algo ou dizer alguma coisa que possa ajudar alguém. No entanto, no decorrer de algumas passagens, o personagem se mostrava como alguém de perspicácia intelectual, no intuito de chegar na solução de um problema ou tomar as melhores decisões para o grupo. Um exemplo disto é quando Dorothy reclama que precisa de tomar água e o Espantalho reflete sobre: “Deve ser meio incômodo ser feito da carne – disse o Espantalho, pensativo. - Porque a pessoa precisa dormir, comer e beber. Por outro lado, ter um cérebro, e poder pensar direito, bem que vale todo o trabalho” (BAUM, 2013, p. 96).

Em outro momento, o grupo necessitava pensar como faria para atravessar um abismo que havia surgido no caminho, e o Espantalho disse: “_ Ali temos uma árvore bem alta, crescendo ao lado do fosso. Se o Lenhador de Lata conseguir derrubar a árvore e fazê-la cair para o lado certo, poderemos atravessar por cima dela com a maior facilidade” (BAUM, 2013, p. 112). A partir disto, percebe-se que o self do personagem se encontrava em estado incongruente, uma vez que ele comunicava sentir-se infeliz por não ter um cérebro e, em consequência disto, não acreditava ser um ser inteligente. Contudo no decorrer das experiências demonstrava constantemente ser um integrante reflexivo do grupo, geralmente apresentava boas ideias que eram acatadas pelos outros membros e muito perspicaz diante de situações de risco.

Em seguida, somos apresentados ao Lenhador de Lata, um homem cuja cabeça, pernas e braços eram ligados ao tronco por juntas de metal e que caminhava sempre com um machado à mão. O personagem apresenta o seu autoconceito como um ser infeliz e incapaz de amar ou exprimir sentimentos de amor por alguém, uma vez que só era constituído de lata em razão do feitiço de uma bruxa que o amaldiçoara e que, portanto, o levava a enxergar-se como um sujeito deprimido. Em uma das conversas com o Espantalho, o Lenhador de Lata esclarece o que procura através do mágico de Oz: “_E eu vou ficar com o coração – respondeu o Lenhador de Lata. – Porque um cérebro não faz ninguém feliz, e a felicidade é a melhor coisa do mundo” (BAUM, 2013, p. 102).

Porém, durante o percurso podemos notar algumas situações que exprimem incongruência entre aquilo que o personagem diz sobre si mesmo e como age. Em uma das passagens da história, o narrador relata que: “O Lenhador de Lata sabia perfeitamente que não tinha um coração, e por isso mesmo tomava o maior cuidado para nunca ser cruel ou injusto com qualquer criatura” (BAUM, 2013, p. 108). Na seguinte descrição, o narrador descreve um momento em que o personagem sente profundo sentimento de dor por pisar em um besouro:

Num certo momento, o Lenhador de Lata pisou num besouro que caminhava pela estrada e matou a pobre criaturinha. E isso o deixou muito infeliz, pois sempre tomava o maior cuidado para não ferir nenhuma criatura viva. Pelo resto do caminho, ele derramou muitas lágrimas de tristeza e arrependimento. As

lágrimas corriam devagar pelo seu rosto, passando pelas juntas da sua boca, que ficaram enferrujadas (BAUM, 2013, p. 107).

Posteriormente, Dorothy encontrou um grande leão que se apresentou como um ser medroso e covarde, justamente por não conseguir ser tal como os outros animais acreditavam que ele deveria ser: “o Rei dos Animais”. Diante disto, cabe aqui pontuar que, segundo Rogers (2004), numa sociedade que é repleta de exigências externas e internas, valores sobre “o que deve ser feito” ou “como deveria ser”, ecoam sobre nossa mente, podendo bloquear nossa visão e reconhecer “as coisas como são, de fato”. No caso do Leão, podemos notar uma exigência tanto externa, quanto interna que impõe que o mesmo deveria agir como o Rei, porém esta expectativa foi causadora de um estado incongruente no personagem, algo que veremos adiante.

Após assustar o cachorrinho Totó, O Leão Covarde se lamenta, dizendo: “Para pensar em morder uma coisinha dessas, só mesmo um covardão como eu. [...] Por isso eu vivo muito triste, e a minha vida é tão infeliz. Mas sempre que eu encontro algum perigo o meu coração dispara” (BAUM, 2013, p. 105-106).

Desta forma, percebemos que o personagem tem o seu autoconceito classificado como: covarde, medroso, incapaz de lidar com situações de desconforto e inseguro. No entanto, ao se deparar com algumas situações, o Leão demonstrou algumas características como alguém que tomava iniciativas, destemido e corajoso, um bom exemplo é quando se vê perseguido por criaturas com corpos de urso e cabeças de tigre, chamadas de Kalidahs, o narrador descreve: “O Leão, apesar de estar certamente com muito medo, virou-se para enfrentar os Kalidahs, soltando um rugido tão alto e terrível que Dorothy deu um grito e o Espantalho caiu de costas, e até os terríveis monstros pararam de correr e olharam para ele surpresos!” (BAUM, 2013, p. 113) O autoconceito do personagem é então discrepante daquilo que ele expressa em seus comportamentos, ou seja, incongruente.

Até aqui, pudemos analisar o autoconceito de cada um dos personagens e compreender que os três encontram-se em estado de incongruência, uma vez que o autoconceito de cada um não realiza intercâmbio com os comportamentos manifestados durante a história. No entanto, sabemos que cada um está em busca de algo que justamente os leva até Oz: o Espantalho um cérebro, o

Lenhador de Lata um coração e o Leão Covarde busca a coragem. Rogers vai nomear essa busca com o conceito “self ideal”, ou seja, um conjunto de características que o sujeito nomina e idealiza poder encaixá-las sobre seu self real, o que pode denotar um desconforto com o seu autoconceito presente. Segundo Rogers (1959, p. 200) self ideal é “o autoconceito que o indivíduo mais gostaria de possuir, sobre o qual atribui o maior valor para si mesmo”.

O grande ponto de mudança dentro da história sobre o autoconceito dos personagens, acontece quando todos eles, após a longa viagem, chegam enfim até a Cidade das Esmeraldas e podem então conhecer e realizar os seus pedidos à Oz. Quão foi a surpresa quando descobriram que o mágico não passava de um homem comum, que há muitos anos enganava seu povo, utilizando de pequenos truques. Porém, o mais interessante ocorre quando, irritados, cada um dos personagens questiona à Oz:

_ E não vai me dar meu cérebro? – perguntou o Espantalho.
_ Você não precisa. A cada dia você aprende uma coisa nova. A experiência é a única coisa que traz o conhecimento, e quanto mais tempo você passa na terra, mais experiência você acumula (BAUM, 2013, p. 181).

Na citação acima, Oz ressalta a importância da experiência para o conhecimento e a partir daqui podemos fazer um paralelo com Rogers (1997, p. 29) que escreve: “A experiência é para mim a autoridade suprema”, uma vez que elas podem ser propiciadoras de congruência do indivíduo com o seu self real, o que pode ser percebido na história com o decorrer da caminhada dos personagens e a reação dos mesmos diante das situações que surgiram, observamos atitudes cada vez mais próximas do self real destes.

Posteriormente, o Leão questiona sobre sua coragem e Oz responde: “_Eu sei que você tem muita coragem [...] A verdadeira coragem consiste em enfrentar o perigo mesmo com medo, e esse tipo de coragem você tem de sobra” (BAUM, 2013, p. 181). A partir daqui, nota-se que o encontro com o mágico de Oz se configura como o ponto chave de mudança nos personagens, que enfim passam ao estado de congruência com o self real. O Espantalho se torna o governador da Cidade das Esmeraldas e caminha esbanjando sua sabedoria e suas reflexões. O Leão se torna o Rei de parte de uma das florestas, protegendo um grande grupo

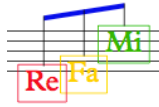
de animais e o Lenhador de Lata percebe e expressa suas emoções reconhecendo agora que havia um coração em si.

Desta forma, pudemos acompanhar a jornada e a mudança dos personagens, desde o self ideal/incongruente até a passagem e aceitação do self real/estado de congruência. Claro, de que a mudança só foi possível a partir das experiências vivenciadas durante toda a viagem. A ação inicial de cada um dos personagens em se proporem a sair do lugar onde se encontravam, para seguir Dorothy até o mágico de Oz, já pressupõe uma movimentação do self, que, por sua vez, propõe uma busca por atualização, como diz Romeiro (2013, p. 219), “tal como seus companheiros, Dorothy tinha em si mesma, desde o início, os poderes para resolver todos os seus problemas, e sua jornada é em essência um processo de aprendizado e autoconhecimento.”

Gardner (2013) já comentava que, por trás das curiosas aventuras das fantasias de Baum, se escondia um nível intencional de significado muito maior. “O Leão Covarde, o Espantalho e o Lenhador de Lata ilustram deliciosamente a tendência humana de confundir uma virtude real com seus símbolos externos sem valor” (GARDNER, 2013, p. 15). Cabe aqui que o significado de algo nunca está completo, já que o texto possui diversas vozes e brechas para que aquele que o leia possa então preenchê-las (FREITAS, 2011). Uma relação dialógica é possível, quando dois enunciados estiverem concomitantemente atribuídos num mesmo plano de sentido e coerência, o que tentou se fazer na composição deste artigo, entre a obra de Baum e a teoria de Rogers.

4. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Partindo da história O Mágico de Oz, pude concluir que o relato de cada personagem está relacionado à própria característica do homem em distorcer o seu próprio eu em função de uma percepção socialmente idealizada sobre si, que, por vezes, afasta o sujeito do seu self real, acarretando em sofrimento e adoecimento. Ser aquilo que se é, torna-se uma tarefa árdua, tendo em vista que vivemos em uma sociedade repleta de exigências e parâmetros que não se encaixam sob toda pluralidade em que vivemos.

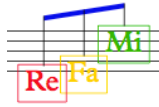


Como o próprio Rogers expôs em sua teoria, o homem está sempre caminhando em direção a atualização, e, atenta que este é um processo de luta e dor, justamente o que podemos acompanhar no decorrer da história. Os personagens saíram em busca de Oz e durante a longa jornada enfrentaram diversas situações, vivenciaram muitas experiências difíceis, mas que proporcionaram um encontro cada vez mais próximo de seu eu real, tornando-se assim, sujeitos congruentes.

A história de Baum neste trabalho tem um caráter exemplificativo do que ocorre com o próprio indivíduo, que está sempre no processo de “tornar-se pessoa”, um caminho longo e por vezes árduo, de mergulhar em si mesmo e que conduz à autorrealização, o que pretendeu se mostrar na construção desta pesquisa.

REFERÊNCIAS

- BAUM, L. F. **O mágico de Oz**. Rio de Janeiro: Zahar, 2013.
- BOWEN, M. C. Villas-Boas. Psicoterapia: o processo, o terapeuta, a aprendizagem. In: SANTOS, Antonio Monteiro. ROGERS, Carl. BOWEN, Maria Constança Villas-Boas. **Quando fala o coração: a essência da psicoterapia centrada na pessoa**. São Paulo: Vetor, 2004, p. 69-83.
- FREIRE, E. S. **Desenvolvimento de um Instrumento de Avaliação de Resultados em Psicoterapia baseado na Teoria da Mudança Terapêutica de Carl Rogers**. Rio Grande do Sul: UFRGS, 2006.
- FREITAS, A. C. R. **O desenvolvimento do conceito de intertextualidade**. Revista dos Alunos dos Programa de Pós Graduação do Instituto de Letras UFF, Rio de Janeiro, v. 1, n. 6, 2011.
- GARDNER, M. Apresentação: o historiador real de Oz. In: BAUM, L. F. **O mágico de Oz**. Rio de Janeiro: Zahar, 2013, p.7-37.
- ROGERS, C. R.; KINGET, G. M. **Psicoterapia e relações humanas**. Belo Horizonte: Interlivros, 1977.
- ROGERS, C. Abordagem centrada no cliente ou abordagem centrada na pessoa. In: SANTOS, A. M. ROGERS, C. BOWEN, M. C. Villas-Boas. **Quando fala o coração: a essência da psicoterapia centrada na pessoa**. São Paulo: Vetor, 2004, p.85-110.
- ROGERS, C. **Tornar-se pessoa**. São Paulo: Martins Fontes, 1997.
- ROMEIRO, J. Notas. In: BAUM, L. F. **O mágico de Oz**. Rio de Janeiro: Zahar, 2013, p.7-252.



SANTOS, A. M. ROGERS, C. BOWEN, M. C. Villas-Boas. **Quando fala o coração:** a essência da psicoterapia centrada na pessoa. São Paulo: Vetor, 2004.

SCHULTZ, D. P. **Teorias da Personalidade.** 2. ed. Tradução de Theories of personality: All Tasks. São Paulo: Cengage Learning, 2013.